

HUMANAS E SOCIAIS
V.12 • N.3 • 2025 • Publicação Contínua

ISSN Digital: 2316-3801
ISSN Impresso: 2316-3348
DOI: 10.17564/2316-3801.2025v12n3p318-333



A PERDA DE UM FAMILIAR POR COVID-19: UM ESTUDO FILOSÓFICO

THE LOSS OF A FAMILY MEMBER DUE
TO COVID-19: A PHILOSOPHICAL STUDY

LA PÉRDIDA DE UN FAMILIAR A CAUSA
DEL COVID-19: UN ESTUDIO FILOSÓFICO

Natália de Jesus Sousa Cunha¹
Thátilla Larissa da Cruz Andrade²
Líscia Divana Carvalho Silva³
Rosilda Silva Dias⁴
Andréa Cristina Oliveira Silva⁵
Anna Karla de Oliveira Tito Borba⁶

RESUMO

O artigo objetivou compreender o sentido da vida após a perda de um familiar por covid-19. Estudo qualitativo, fenomenológico, desenvolvido no domicílio dos familiares, em junho a setembro de 2024, tendo como referencial teórico metodológico Martin Heidegger. De acordo com o círculo hermenêutico heideggeriano foram identificadas duas unidades de significado: O ser frente ao “novo-trabalho-à-mente” e O ser que “pertence-a-Deus”. As repercussões na vida do familiar confrontam a aparente segurança de sua existência, tornando-se fatídicas na construção do sentido do ser. A situação ameaçadora de ter um familiar com covid 19 atemoriza e ressignifica o modo de ser e direciona para o enfrentamento consciente, evitando a inesperada perda que desafia a tranquilidade frente ao “não ser”. Emerge o “novo-trabalho-à-mente”, em que o familiar busca uma ocupação como forma de distração, numa tentativa de evitar o confronto direto com a dor e a angústia. E, para encontrar um novo sentido à vida, como estratégia de superação, transforma a própria existência diante da ausência, tensão e provação, descortinando a sua libertação, o que configura na sua essência espiritual, buscando a fé no “ser que pertence-a-Deus”. A pandemia covid-19 revelou não apenas a profundidade da experiência do luto frente à perda de um familiar, mas a força transformadora na própria existência. O estudo integra a reflexão sobre o luto, a finitude e o papel da filosofia na saúde.

PALAVRAS-CHAVE

Covid-19. Mortalidade. Luto. Familiares. Filosofia em Enfermagem.

ABSTRACT

The article aimed to understand the meaning of life after the loss of a family member to Covid-19. This is a qualitative, phenomenological study, carried out in the homes of family members, from June to September 2024, using Martin Heidegger as a methodological theoretical reference. According to the Heideggerian hermeneutic circle, two units of meaning were identified: The being facing the “new-work-to-the-mind” and The being that “belongs-to-God”. The repercussions on the family member’s life confront the apparent security of their existence, becoming fateful in the construction of the meaning of being. The threatening situation of having a family member with COVID-19 frightens and resignifies the way of being and leads to conscious coping, avoiding the unexpected loss that challenges tranquillity in the face of “not being”. The “new-work-to-the-mind” emerges, in which the family member seeks an occupation as a form of distraction, in an attempt to avoid direct confrontation with pain and anguish. And, in order to find a new meaning to life, as a coping strategy, they transform their own existence in the face of absence, tension and trial, unveiling their liberation, which configures their spiritual essence, seeking faith in the “being that belongs to God”. The COVID-19 pandemic has revealed not only the depth of the experience of mourning in the face of the loss of a family member, but also the transformative power of existence itself. The study integrates reflection on mourning, finitude and the role of philosophy in health

KEYWORDS

Covid-19; mortality; grief; family members. Philosophy in Nursing

RESUMEN

El artículo tuvo como objetivo comprender los sentidos de la vida tras la pérdida de un familiar a causa del COVID-19. Estudio cualitativo, fenomenológico, desarrollado en el domicilio familiar, de junio a septiembre de 2024, tomando como referente teórico metodológico a Martín Heidegger. Según el círculo hermenéutico heideggeriano se identificaban dos unidades de sentido: el Ser frente a la “nueva-obra-del-espíritu” y el Ser que “es-de-Dios”. Las repercusiones en la vida del familiar se enfrentan a la aparente seguridad de su existencia, volviéndose fatídicas en la construcción del sentido del ser. La amenaza de tener un familiar con COVID-19 atemoriza y redefine la forma de ser, orientándolo hacia la confrontación consciente, evitando la pérdida inesperada que desafía la tranquilidad ante el “no ser”. Surge el “nuevo trabajo mental”, en el que el familiar busca una ocupación como forma de distracción, en un intento por evitar la confrontación directa con el dolor y la angustia. Y, para encontrar un nuevo sentido a la vida, como estrategia de superación, transforma su propia existencia frente a la ausencia,

la tensión y las pruebas, revelando su liberación, que se configura en su esencia espiritual, buscando la fe en el “ser que pertenece a Dios”. La pandemia de COVID-19 ha revelado no solo la profundidad de la experiencia del duelo ante la pérdida de un familiar, sino la fuerza transformadora de la existencia misma. El estudio integra la reflexión sobre el duelo, la finitud y el papel de la filosofía en la salud.

PALABRAS CLAVE

Covid-19. Mortalidad. Dolor. Miembros de la familia. Filosofía en Enfermería.

1 INTRODUÇÃO

A covid-19 gerou uma modificação no processo normal de vida, tanto no aspecto das instituições de saúde, cotidiano das pessoas, assim como, nas relações familiares. Desse modo, ocorreram muitas mudanças nos hospitais (processos de internação) e nas pessoas (rituais de despedidas). Seguiu-se então, uma luta pela sobrevivência, que a cada instante se tornou mais intensa, restando aos familiares a expectativa de sua melhora, aguardando com esperança a sobrevivência, mas que, em alguns casos, se mostraram em vão, restando, portanto, o lidar com a morte (Mendonça *et al.*, 2022).

Apesar da impossibilidade de estar fisicamente próximo do seu ente, algumas instituições hospitalares adotaram estratégias para manter a comunicação (paciente-familiares) por meio de chamadas e/ou videochamadas. Os contatos e/ou mensagens eram transferidos para o profissional da saúde e/ou quem era responsável por seus cuidados, tendo uma conexão entre os mesmos e sua família (Brasil, 2020). A hospitalização em unidades de isolamento, muitas vezes acompanhada da impossibilidade de comunicação plena com familiares, de certa forma, funcionou como um prelúdio para lidar com a realidade da morte em potencial (Schmidt *et al.*, 2020).

Sabe-se que a morte de uma pessoa da família envolve perdas em diferentes relacionamentos, papéis familiares, aspirações e expectativas, em um ciclo familiar multigeracional compartilhado, ainda que, viver sem uma pessoa não é algo simples, e a questão é, como a perda é sentida e administrada (Schmidt *et al.*, 2022).

Neste contexto, a covid-19 revelou questões profundas sobre mortalidade e luto, sobre o sentido da existência e do ser humano no mundo, exigindo uma compreensão filosófica sobre como as pessoas podem enfrentar e encontrar sentido em suas experiências de perda (Moore *et al.*, 2020; Lopes *et al.*, 2021). Desse modo, a abordagem fenomenológica foi escolhida como estratégia possível para descrever essa experiência; apontada como método de investigação pela sua consideração ao caráter individual dos eventos vivenciados, sem desconsiderar ou descontextualizar do social e de fatores ambientais que modificam o ser humano enquanto ser no mundo (Feijoo, 2022).

A reflexão bioética, a partir do conceito de “ser-para-a-morte” do filósofo Heidegger, ajuda a compreender que o morrer humano transcende o âmbito biológico da perda das funções vitais e que, por

essa razão, é um tema de grande importância filosófica e útil. A morte de outra pessoa suscita o valor de uma vida autêntica em contraponto à vida inautêntica que ignora a vulnerabilidade dos outros e se preocupa só com os próprios desejos. A perspectiva ética do “ser-para-a-morte” contribui para enriquecer a reflexão bioética sobre a terminalidade da vida. Heidegger indica a dimensão transcendental do ser humano e da sua intrínseca dignidade tendo como dado concreto a finitude humana (Souza, 2022).

Assim, a pesquisa concerne o desvelamento do *ser-ai-no-mundo* e do *ser-para-a-morte*, na perspectiva heideggeriana, como construção de uma reflexão sobre o sentido e significado da vida a partir das experiências do familiar diante da perda de um ente por covid-19.

Ao explorar o sentido do ser após a perda de um ente por covid-19, na perspectiva heideggeriana, este estudo pode oferecer percepções valiosas para as relações humanas, sociais e práticas de saúde, ajudando a compreender melhor as necessidades emocionais e existenciais do ser-enlutado. Diante do exposto, o estudo objetivou compreender os sentidos e significados da vida após a perda de um familiar por covid-19 à luz da fenomenologia de Heidegger.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, fenomenológico, foi conduzido com base no referencial teórico-metodológico de Martin Heidegger, especialmente a partir da obra *Ser e Tempo*, que trata do sentido da existencialidade do “Ser”.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (HUUFMA), sob parecer nº 6.892.889, emitido em 18 de julho de 2024, conforme as diretrizes da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando os princípios éticos de voluntariedade, sigilo e anonimato. Para manter a confidencialidade, os participantes foram identificados por meio do código “FA” (Familiar), acompanhado do número que os identifica na pesquisa.

As entrevistas foram realizadas por uma das pesquisadoras, enfermeira, cursando mestrado e ocorreram no Ambulatório, de segunda a sexta-feira, nos turnos matutino e vespertino, de acordo com a disponibilidade dos participantes.

O cenário do estudo foi o domicílio do familiar que reside na cidade de São Luís, capital do Maranhão (MA). Foram elegíveis como participantes do estudo, os familiares (ligados por laços biológicos ou sociopsicológicos, monoparental, parentesco ou afinidade) de pacientes diagnosticados com covid-19, pelo exame RT-PCR, que vieram a óbito, entre março 2020 a agosto de 2021, no HUUFMA.

Incluiu-se os familiares que residem na cidade de São Luís-MA, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos. Os familiares foram contactados, previamente, por telefone, apresentando-lhes os objetivos da pesquisa e realizado o convite para participação. Não foram incluídos os familiares cujos dados de telefone estavam incompletos, inexatos ou não registrados em prontuários.

A abordagem fenomenológica, dispensa o critério amostral, pois a inclusão se deu de forma progressiva e por adesão, sem demarcação do número de participantes (Brevidegli; Dominico, 2006).

Dessa forma, a amostragem foi intencional, respeitando o critério de saturação dos dados, conforme preconizado em estudos qualitativos, sendo interrompida quando os relatos passaram a apresentar recorrência temática e ausência de novas informações significativas.

Solicitou-se aos familiares o preenchimento de um formulário sociodemográfico, contendo informações sobre sexo, cor, idade, escolaridade, profissão/ocupação, religião, renda e grau de parentesco e, em seguida, foi realizada a entrevista fenomenológica norteada pelas seguintes questões:

Como o (a) senhor (a) se sentiu ao descobrir que seu familiar estava com covid-19? Fale sobre sua experiência e sentimentos com a internação do seu familiar. Como o (a) senhor (a) se sentiu diante da perda de seu familiar? Fale sobre sua experiência e sentimentos no velório e sepultamento de seu familiar. Como a perda do seu familiar afetou sua rotina? O (A) senhor (a) percebe alguma mudança na sua vida após a perda de seu familiar? O (A) senhor (a) deseja falar ou acrescentar algo?

A duração das entrevistas foi de aproximadamente 20 minutos, utilizando um gravador de voz digital para o registro das informações, sendo que a pesquisadora esteve atenta às diversas formas de discurso como gestos, pausas, silêncios e expressões faciais. As transcrições das gravações foram realizadas na íntegra. Inicialmente foi realizada uma leitura flutuante, que, depois, tornou-se mais criteriosa, mediada pelas hipóteses emergentes, recortes do texto, seleção de conteúdo e, por consenso da pesquisadora que coletou os dados e da pesquisadora responsável, foram identificadas as unidades de significado, confrontando com o referencial teórico metodológico e pertinente na literatura.

O círculo hermenêutico de Martin Heidegger (2015) possibilitou a compreensão interpretativa do fenômeno em três momentos: pré-compreensão, compreensão e interpretação. Na pré-compreensão foram feitas leituras e releituras da transcrição de cada depoimento em movimento de interpretação das falas, destacando o “Ser” na relação familiar, de onde se obteve apropriação dos achados e convergência entre as falas, que caracterizaram as unidades de significados, desvelando o fenômeno vivido por cada familiar diante da perda do seu ente para a covid-19 (Heidegger, 2015; Guerrero-Castañeda; Menezes; Prado, 2019; Sebold *et al.*, 2017).

No movimento analítico de compreensão, pretendeu-se alcançar o sentido fenomenológico, por meio da convergência das unidades de significados pelo desvelar do fenômeno interrogado. Foram identificadas e agrupadas as unidades de significados, buscando a convergência entre elas, obtendo representações (categorias) que foram essenciais para análise e entendimento. A compreensão em si, reflete o ato de reconhecer o que foi estabelecido na pré-compreensão, uma compreensão presente em qualquer apreensão de uma entidade ontológica (Souza; Cabeça; Melo, 2018).

Durante a fase de interpretação, à medida que foram ocorrendo as transcrições, a pesquisadora agrupou as unidades de significado, seguindo o recorte das falas que resultaram nas categorias temáticas ontológicas tendo como reflexão a obra “Ser e Tempo” do filósofo Martin Heidegger. A partir disso, o pesquisador compreende, desmembra, recria e unifica novamente as partes do fenômeno, revelando-o em sua totalidade (Heidegger, 2015; Guerrero-Castañeda; Menezes; Prado, 2019).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos onze (11) familiares participantes do estudo a maioria foi do sexo feminino (63,6%), autodeclarado branco (54,5%), idade entre 30 a 49 anos (72,7%), religião católica (54,5%), nível superior completo (72,7%), renda igual ou superior a 5 salários mínimos (63,6%), representados pelos filhos (54,5%) (TABELA 1). Emergiram duas unidades de significado: 1. O ser frente ao novo-trabalho- à-men-te; 2. O ser que pertence-a-Deus.

Tabela 1 – Análise descritiva do perfil sociodemográfico de familiares participantes do estudo. São Luis, MA, 2025

Variáveis	n	%
Sexo		
Masculino	4	36,3
Feminino	7	63,6
Total	11	100
Cor		
Branca	6	54,5
Parda	4	36,3
Preta	1	9,0
Total	11	100
Idade		
30-49	8	72,7
50-69	2	18,1
> 70	1	9,0
Total	11	100
Religião		
Católica	6	54,5
Evangélica	2	18,1
Outras	3	27,2
Total	11	100

Variáveis	n	%
Escolaridade		
Ensino médio completo	8	72,7
Ensino superior completo	3	27,2
Total	11	100
Renda salarial		
1 salário mínimo	2	18,1
2 a 4 salários mínimos	2	18,1
5 a mais	7	63,6
Total	11	100
Grau de Parentesco		
Cônjuge	1	9,0
Mãe	1	9,0
Irmão (a)	1	9,0
Filho (a)	6	54,5
Sobrinho (a)	2	18,1
Total	11	100

Fonte: Autores do estudo (2025).

3.1 O SER FRENTE AO NOVO-TRABALHO-À-MENTE

Observa-se que, para os familiares, o trabalho atuou como uma forma de distração e, ao mesmo tempo, uma estratégia de superação diante da dor e do sofrimento psicológico. Muitos buscaram no cotidiano profissional um alívio temporário para as angústias emocionais causadas pela perda, encontrando, assim, uma maneira de lidar com o luto.

[...] Assim, eu procurei trabalhar mais ainda, ocupar a mente mais ainda, para não ficar rememorando essas situações de sofrimento. Então, assim [...] fiz outros trabalhos, não fiquei voltado só ao trabalho que eu tenho mesmo. [...] mas, busquei fazer outras coisas para tentar, de fato, ocupar a mente e não pensar tanto nisso porque realmente, foi uma perda que eu acredito que eu nunca vá conseguir superar, eu vou conseguir conviver, superar não (FA 2);

[...] Meu refúgio foi o trabalho. Então, eu trabalhava a semana inteira, eu só tirei uma semana pra eu colocar a cabeça no lugar [...] então, eu precisei parar, colocar minha cabeça no lugar, me cuidar, fiz cirurgia bariátrica. Voltei pra corrida de rua [...] eu trabalho um dia sim, um dia não, pra eu tentar dar uma respirada, pra cuidar da minha casa, cuidar das minhas coisas, colocar a mente no lugar, fazer as consultas que eu preciso, e cuidar mesmo da minha mente, da minha saúde mental, que foi muito afetada com todas as perdas (FA 6);

A princípio, você perde totalmente o chão, você perde o senso, mas no momento mesmo da perda, mediante a situação que a gente vivia no momento, eu nem pude me permitir sofrer. Eu tinha que estar ali, disponível pra minha mãe, que não estava bem, que também estava com covid, que tinha se entregado praticamente a situação em si, ela quase entra em depressão. Eu tinha minha filha de seis anos, que também pegou covid, no momento, dependia de mim (FA 5).

De acordo com as falas, percebem-se as variadas maneiras pelas quais os familiares lidam com o luto e o sofrimento psicológico após a perda de seu ente. Uma estratégia comum observada nos relatos é a busca pelo trabalho como forma de distração, uma tentativa de evitar o confronto direto com a dor e a angústia. Ademais, atividades cotidianas, como o trabalho e envolvimento em outros projetos, podem ser maneiras de mitigar o sofrimento e a dor emocional.

Heidegger (2005) argumenta que, ao confrontar a morte, o *ser-á* vivencia uma ruptura existencial profunda, o que exige uma adaptação contínua e uma reorganização de suas prioridades. Essa transformação na rotina, como a redução da carga de trabalho e a busca por apoio psicológico, pode ser vista como uma tentativa de se reconectar com a autenticidade de sua existência, respeitando seus limites e priorizando o que realmente importa. A alteração do estilo de vida não implica a superação do luto, mas sim, um processo contínuo

de adaptação à nova realidade existencial.

Assim, enfrentar a morte de um ente é um processo desafiador, marcado pela sensação de perda e tristeza intensa. Contudo, recomeçar não significa esquecer, mas se adaptar à ausência, integrando as memórias ao cotidiano e encontrando formas de transformar a dor em renovação e esperança (Marinho *et al.*, 2023). Alves (2021) discute a perda como um aspecto intrínseco à condição humana, sendo enfrentada de maneira única por cada indivíduo. Ao tentar reconstruir sua vida após a morte de um ente querido, a pessoa cria significados tanto para a vida quanto para a perda, buscando formas de dar sentido a essa experiência transformadora.

A busca por um sentido mais profundo na vida e no trabalho revela a compreensão da oportunidade de confronto com a realidade, da capacidade de adaptação à situação de crise vivenciada na pandemia e enfrentamento a uma circunstância imposta, requerendo uma abordagem autêntica da sua consciência, identidade e, consequentemente, de sua própria existência no mundo.

Sob esse olhar fenomenológico e existencial, considera-se que o exercício da enfermagem deva ser influenciado pela busca de sentido no cuidado ao outro, facilitando a vivência individual da perda de maneira mais ativa. A existência leva à reflexão sobre a vida, a morte, a dor e a angústia, conceitos filosóficos

que estão profundamente ligados à enfermagem. Diante da complexidade humana e das diversas formas de estar no mundo, a filosofia se apresenta como um caminho essencial para a prática da enfermagem.

Nesse sentido, a fenomenologia de Heidegger contribui significativamente para a pesquisa na área, já que a essência da enfermagem está diretamente relacionada ao cuidado com o outro (Souza; Cabeça; Melo, 2018). Sabe-se que o cuidado está ligado à intencionalidade, pois direciona a vida tanto nos aspectos pessoais quanto nas interações e atividades compartilhadas. Além disso, a existência nunca é isolada, pois sempre se projeta para além de si mesma, integrando-se ao mundo. Compreende-se, pois, que há uma inclinação natural para considerar o outro, compartilhar experiências e entender o outro em seus diferentes modos de ser (Siqueira, 2019).

Desse modo, o cuidado com o outro, implica estar presente de forma genuína, reconhecendo a autenticidade como a capacidade de se mostrar como se é, lidando com medos e angústias, enquanto busca alternativas para continuar existindo (Silva; Crossetti; Giménez-Fernández, 2021).

3.2 O SER QUE PERTENCE-A-DEUS

De acordo com Franco (2021), o luto ocorre dentro de um contexto cultural que define os significados atribuídos a essa experiência, que podem ser individuais, públicos ou comunitários, influenciando profundamente o enlutado. A pessoa em luto pode aceitar, questionar ou reinterpretar esses valores culturais. Assim, o processo de luto é complexo, envolvendo questões relacionadas à religião, espiritualidade e pertencimento, que podem se entrelaçar, competir ou coexistir enquanto o indivíduo busca entender e dar sentido à experiência de perda.

Constata-se que os familiares diante da consciência da finitude da vida buscaram a transcendência, realizando diversas tentativas de superação e reconstrução durante o processo de luto. Muitos familiares recorrem à religiosidade e espiritualidade como uma forma de encontrar conforto e lidar melhor com a partida do ente querido, como evidenciado nos trechos a seguir:

[Voz embargada e choro]. O que eu costumo dizer sempre pra todo mundo é que o dia de amanhã a Deus pertence, sabe? As pessoas têm que aprender a ter um pouco mais de amor, de bom senso, de responsabilidade, principalmente sentimental e afetiva. Dizer pro próximo que ama, que gosta, se doar, cuidar. Amanhã a gente não sabe o que pode acontecer. Eu, graças a Deus, não tenho o que me reclamar porque eu sempre fiz tudo o que eu podia fazer pra ele em vida (FA 5);

[...] A gente não pode passar a vida se vitimizando, a gente tem que entender que tudo tem um propósito, que nada sai do controle de Deus. [...] então assim, o melhor foi que meu pai teve oportunidade no hospital de uma enfermeira, fazer o apelo pra ele, e ele reconheceu Cristo como Senhor e Salvador da vida dele [...] eu fiquei muito feliz porque até nos últimos segundos, até nos detalhes, Deus opera [...] minha mãe, quando eu perguntei pra ela fazendo o apelo, ela perdendo a consciência, eu só falei, mãe, a senhora reconhece Deus como um suficiente Salvador? [...] (FA 6);

[...] Aí o que me conforta é dizer assim, Deus só leva, Ele só vai no momento que tem que

ir. Se ele foi é porque Deus queria. Então, eu me conformo com isso, mas não é uma coisa assim que me [...] lá na pontinha, no fundo do meu coração, eu digo, não, se eu tivesse lá [...] ele não tinha morrido [...] que nem Lázaro. Quando Lázaro morreu, o que Maria disse? Se eu estivesse aqui, ele não teria morrido. E Jesus ressuscitou. Assim mesmo, eu digo, se eu estivesse lá, ele não teria morrido. Mas o que fazer, né? [...] (FA 10).

A religiosidade e a espiritualidade emergem como elementos fundamentais na forma como muitas pessoas enfrentam a dor, a perda e os desafios inevitáveis da vida. Os depoimentos revelam experiências profundamente humanas, permeadas por reflexões sobre o sentido da vida, a morte, e o papel de Deus em meio às adversidades.

No discurso FA 5, a ênfase recai sobre a necessidade de viver de maneira mais consciente e amorosa, valorizando o próximo. Há um apelo para que as

pessoas expressem afeto, cuidem umas das outras e cultivem relações humanas significativas. Essa visão, enraizada em uma perspectiva espiritual, sugere que o amor e o cuidado pelo outro são formas de viver plenamente e honrar a vida. A espiritualidade aqui transcende o individual e se manifesta em ações concretas no cotidiano, seja no trabalho ou em casa.

O relato de FA 6 destaca a crença de que “nada sai do controle de Deus” e que tudo tem um propósito maior. A narrativa enfatiza a esperança e o consolo encontrados na ideia de redenção espiritual, mesmo diante da morte. A conversão e a fé no final da vida são vistas como atos de misericórdia divina, reforçando a crença de que a vida não termina com a morte, mas continua em outra dimensão.

A noção de serenidade presente no pensamento de Heidegger ajuda a compreender melhor o que seria essa concepção de Deus, não como substância material, e sim, como experiência correlacional, que leva ao desprendimento, desprender-se de vontades, ou seja, no campo de uma razão, de uma vontade (Vieira *et al.*, 2018).

Diante do exposto, a experiência do sagrado está intimamente ligada à vivência cotidiana e à interação com o mundo. A espiritualidade não é vista apenas como uma crença pessoal, mas como uma dimensão essencial da experiência humana, que pode oferecer suporte e significado em tempos de crise e luto (Batista, 2007; Galvão, 2021).

Por conseguinte, a literatura recente reforça essa conexão entre espiritualidade e enfrentamento de adversidades, como observado por Parkes (1998) e confirmado por estudos que relacionam a fé e a cura, especialmente em contextos de saúde (Silveira; Paiva, 2024). A espiritualidade emerge como um mecanismo importante para lidar com o medo e a solidão, oferecendo estratégias de enfrentamento que incluem práticas como rituais religiosos e conexão com a natureza (Scorsolini-Comin *et al.*, 2020).

A ambiguidade entre conforto espiritual e culpa, expressa no relato de FA 10, também é um tema recorrente. Essa dualidade é comum em momentos de luto, onde a espiritualidade serve tanto como um amparo quanto um espaço para questionamentos profundos sobre a perda. A assistência espiritual, especialmente em tempos de pandemia, se mostra essencial para ajudar as pessoas a lidarem com as experiências de luto e a reafirmarem suas identidades e valores sociais fundamentais (Rossato *et al.*, 2021; Walsh, 2020).

Nesse sentido, o cuidado de enfermagem deve incluir a dimensão humana e espiritual, principalmente em momentos de vulnerabilidade, pois a espiritualidade envolve a busca por significado, valores e crenças. Segundo Heidegger, o cuidado integral reconhece a espiritualidade como essencial à existência humana, sem excluir outros aspectos do ser (Jaman-Mewes *et al.*, 2024).

Repensar cuidadosamente sobre o cuidado prestado, sem considerar o aspecto existencial dos envolvidos, remete aos questionamentos de Heidegger sobre o esquecimento do ser, afirmando que só é possível retomar essa questão quando o Dasein se compreende a partir de sua própria existência (Souza; Cabeça; Melo, 2018). Compreende-se, pois, que o cuidado é, por essência, uma estrutura ontológica do próprio existir humano e de todo o tipo de vida existente (Dutra *et al.*, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidencia o impacto significativo da perda de um familiar devido à pandemia da covid-19, especialmente em um contexto de restrições sanitárias que dificultaram o processo de luto. A abordagem hermenêutica adotada permitiu uma escuta sensível das experiências dos familiares, revelando as angústias existenciais vivenciadas durante o luto, assim como, os esforços para superá-lo em um cenário de dor, ausência e saudade.

Dessa forma, a pesquisa destaca os desafios enfrentados pelo “ser-aí” diante da dor, sofrimento e da necessidade de ressignificação de sua existência, abordando as dimensões ontológicas dessa experiência e ressaltando o papel da finitude como elemento transformador da condição humana.

Assim, o conceito de “ser frente ao novo-trabalho-à-mente” é ilustrado pelas estratégias de adaptação adotadas pelos familiares enlutados, como a busca por distração no trabalho e novos projetos, e a procura por transcendência e fé, com ênfase na crença no “ser que pertence-a-Deus”. Essa vivência do luto não apenas amplia a compreensão da perda, mas também possibilita uma transformação significativa na própria existência do indivíduo, promovendo a libertação do sofrimento e a reapropriação do ser.

Ao integrar a filosofia existencial de Heidegger, o estudo sugere a importância de um cuidado humanizado, integral e acolhedor aos familiares enlutados, destacando a necessidade de um acompanhamento contínuo no enfrentamento do luto.

Espera-se que os resultados do estudo fomentem uma reflexão mais aprofundada sobre o impacto do luto em diferentes cenários e a finitude como um aspecto intrínseco à vida e promovam debates sobre o papel da filosofia no campo da saúde, oportunizando oferecer contribuições para a necessidade de viver de forma autêntica, atribuindo novos significados às relações humanas, sociais, à condição do próprio ser e, conseqüente, à prática profissional.

REFERÊNCIAS

ALVES, D. F. G. Dificuldades psicológicas enfrentadas por famílias no luto na pandemia do Covid-19. **Repositório Institucional Unicambury**, v. 1, n. 1, 2021. Disponível: <https://www.revistaleiacambury.com.br/index.php/repositorio/article/view/50/49>. Acesso em: 19 jul. 2024.

BATISTA, J. B. Geviert: o sentido do sagrado no pensamento de Heidegger. **Existência e Arte**, p. 1-9, 2007. Disponível: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/3_Edicao/Joao%20Bosco.pdf. Acesso em: 24 maio 2023.

BRASIL. **Guia para pessoas que perdem um ente querido em tempos de coronavírus (covid-19)**. Tradução de Christiana Metzker. Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC); Rede de Apoio às Famílias e Memorial das Vítimas de covid-19 no Brasil; Segura a Onda - Brasil Contra a Covid-19. 2020. Disponível: https://download.uol.com.br/files/2020/05/865245966_guia_pessoas_em_luto_nos_tempos_de_covid_versao_brasileira_2020.pdf. Acesso em: 4 ago. 2024.

BREVIDELLI, M. M.; DOMENICO, E. B. L. **Guia prático para docentes e alunos da área de saúde**. Trabalho de conclusão de curso. 2. ed. São Paulo: Iáttria, 2006.

DUTRA, F.C. S. *et al.* O ser enfermeiro na pandemia covid-19: perspectivas heideggerianas e da teoria ambientalista de florence nightingale. **Anais do XXV Enfermaio**, 2022. Disponível em: https://www.uece.br/eventos/enfermaio/anais/trabalhos_completos/802-2584-13092022-221029.pdf. Acesso em: 20 fev. 2025.

FEIJOO, A. M. L. C. Escuta clínica: experiência de uma mãe enlutada em tempos de covid-19. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-16, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPCP13955.pt>. Acesso em: 27 fev. 2024.

FRANCO, M. H. P. **O luto no século 21**: uma compreensão abrangente do fenômeno. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2021. Disponível: <https://www.amazon.com.br/luto-s%C3%A9culo-21-compreens%C3%A3o-abrangente/dp/6555490241>. Acesso em: 15 mar. 2024.

GALVÃO, L. H. B. Comunicação: A relação entre a verdade e o ser em Tomás de Aquino: uma análise da questão da convertibilidade entre o verdadeiro e o ente em Summa Theologiae (Ia, q. 16, a. 3). **Sapere Aude**, v. 12, n. 24, p. 595- 606, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2021v12n24p595-606>. Acesso em: 18 abr. 2024.

GUERRERO-CASTAÑEDA, R. F.; MENEZES, T. M. O.; PRADO, M. L. La fenomenología en investigación de enfermería: reflexión en la hermenéutica de Heidegger. **Esc**

Anna Nery, v. 23, n. 4, p. e20190059, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2019-0059>. Acesso em: 14 set. 2024.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 9. ed. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Parte I.15. ed. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

JAMAN-MEWES, P. *et al.* Heidegger's philosophical foundations and his contribution to palliative nursing and spiritual care. **Rev Esc Enferm USP**, v. 58, e20240155, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2024-0155en>. Acesso em: 28 dez. 2024.

LOPES, F. G. *et al.* A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de Covid-19. **Psicologia USP**, v. 32, p. e210112, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e210112>. Acesso em: 15 out. 2024.

MARINHO, L. F. P. L. *et al.* A pandemia passa: reflexões sobre o luto e as perdas vividas durante a pandemia. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n.3, p. 1173-1185, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n9p1173-1185>. Acesso em: 18 out. 2024.

MENDONÇA, C. F. L. *et al.* Cuidado à família enlutada diante da pandemia do covid- 19: uma atuação psicológica segundo a logoterapia. **Revista Eletrônica Ciência & Tecnologia Futura**, v. 1, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revista.grupofaveni.com.br/index.php/revista-eletronica-ciencia-tecnologia/article/view/281/462>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MOORE, K. J. *et al.* Supporting families in end-of-life care and bereavement in the COVID-19 era. **International psychogeriatrics**, v. 32, n. 10, p. 1245-1248, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1041610220000745>. Acesso em: 26 fev. 2024.

PARKES, C. M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. 3. ed. São Paulo: Summus editorial, 1998. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=5sjae-VfjjsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 18 jan. 2024.

ROSSATO, L.; ULLÁN, A. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. Religious and spiritual practices used by children and adolescents to cope with cancer. **Journal of religion and health**, v. 60, n. 6, p. 4167-4183, 2021. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10943-021-01256-z>. Acesso em: 26 set. 2024.

SCHMIDT, B. *et al.* Mental health and psychological interventions during the new coronavirus pandemic (covid-19). **Estudos de Psicologia**, v. 37, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SCHMIDT, B. *et al.* Perda, Luto e Resiliência na Pandemia de covid-19: Implicações para a Prática com Famílias. **Pensando Famílias**, v. 26, n. 1, p. 3- 17, 2022. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v26n1/v26n1a02.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F. *et al.* A Religiosidade/Espiritualidade como Recurso no Enfrentamento da covid-19. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, 10, p. e3723, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.19175/recom.v10i0.3723>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SEBOLD, L. F. *et al.* Círculo hermenêutico heideggeriano: uma possibilidade de interpretação do cuidado de enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 26, n. 4, p. 1-8, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017002830017>. Acesso em: 17 maio 2024.

SILVA, C. G.; CROSSETTI, M. G. O.; GIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, M. Enfermagem e “estar com” em um mundo com Covid-19: um olhar existencialista. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, p. e20200383, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200383>. Acesso em: 19 jun. 2024.

SIQUEIRA, A. C. O cuidado em Heidegger como aprofundamento da intencionalidade husserliana. **Sofia**, v. 8, n. 2, p. 158-175, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/sofia.v8i2.26529>. Acesso em: 15 out. 2024.

SILVEIRA, E. M. L.; PAIVA, V. Espiritualidade cristã: fonte de sentido em momentos de crise. **Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia**, v. 9, n. 20, 2024. Disponível em: <https://www.theoria.com.br/v1/wp-content/uploads/2024/03/8-Edna-Silveira-e-Vanildo-de-Paiva.pdf>. Acesso em: 22 set. 2024.

SOUZA, M. A.; CABEÇA, L. P. F.; MELO, L. L. Pesquisa em enfermagem sustentada no referencial fenomenológico de Martin Heidegger: subsídios para o cuidado. **Avances en Enfermería**, v. 36, n. 2, p. 230-237, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15446/av.enferm.v36n2.67179>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SOUZA, M. M. Reflexão bioética sobre o “ser-para-a-morte” em tempos de covid-19. **Revista Tabulae**, v. 1, n. 32, p. 52-62, 2022. Disponível em: <https://faculdadevicentina.com.br/pages/revista-tabulae-academica>. Acesso em: 25 jan. 2025.

VIEIRA, M. B. *et al.* Psicologia clínica e espiritualidade: limites e possibilidade à luz da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger. **Revista Mundo Livre, Campos dos Goytacazes**, v. 4, n. 2, p. 58-66, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/mundolivres/article/view/39967/23041>. Acesso em: 17 nov. 2024.

WALSH, F. Loss and resilience in the time of covid-19: Meaning making, hope, and transcendence. **Family Process**, v. 59, n. 3, p. 898-911, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/famp.12588>. Acesso em: 22 dez. 2024.

1 Especialista em Urgência e Emergência pela Faculdade Gianna Beretta e em Instrumentação Cirúrgica, Centro Cirúrgico e Central de Material e Esterilização – FAVENI; Bacharela em Enfermagem; Residência em Clínicas Médicas e Cirúrgica do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão – HUUFMA; Mestranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão – PPGENF-UFMA. E-mail: natalia.cunha@discente.ufma.br

2 Pós-Graduada em Gestão em Saúde – UFMA e em Obstetrícia e Neonatologia, Faculdade Gianna Beretta; Bacharela em Enfermagem, Universidade Estadual do Maranhão – UEMA; Mestranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – PPGENF / UFMA. E-mail: thatila.andrade@discente.ufma.br

3 Doutora em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – EERP-USP; Mestre em Enfermagem, Universidade Federal do Ceará – UFC; Especialista em Cardiologia, Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia – IDPC; Bacharela em Enfermagem, Universidade Federal do Maranhão – UFMA e Administração Hospitalar pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa Hospitalar – IPH; Licenciada em Higiene, Enfermagem e Programa de Saúde no 1 e 2 graus – UFMA; Professora do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Mestrado – UFMA. E-mail: liscia.divana@ufma.br.

4 Doutora em Fisiopatologia Clínica e Experimental pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Mestre em Políticas Públicas – UFMA; Bacharelada em Enfermagem, Universidade Federal do Maranhão – UFMA; Professora da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem- Mestrado – UFMA. E-mail: rs.dias@ufma.br

5 Doutora em Ciências, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade São Paulo – EERP-USP; Mestre em Saúde e Ambiente – UFMA; Bacharela em Enfermagem, Universidade Federal do Maranhão – UFMA; Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem- Mestrado – PPGENF/UFMA. E-mail: silva.andrea@ufma.br

6 Doutora em Nutrição – UFPE; Mestre em Enfermagem – UFPE; Especialista Didático-Pedagógica para Educação em Enfermagem – UFPE, em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – SBGG, em Saúde da Família pelas Faculdades Integradas de Patos e em Nefrologia pelo Programa de Residência em Enfermagem – UFPE e pela Sociedade Brasileira de Enfermagem em Nefrologia – SOBEN; Bacharelada em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Professora do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia – PPGERO do Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: anna.tito@ufpe.br

Recebido em: 20 de Março de 2025

Avaliado em: 28 de Junho de 2025

Aceito em: 14 de Agosto de 2025



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2025 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

